

Estados Gerais da Psicanálise: II Encontro Mundial - Rio de Janeiro, 2003.

Tema 3: A Experiência Psicanalítica e a Cultura Contemporânea

Subtema 3e: A Psicanálise a Universidade: a Questão do Lugar do Saber Psicanalítico, Ensino ou Transmissão?

A pesquisa em psicanálise: Entre a técnica, a extensão e a intensão

Patrícia Rocha Lustosa¹

RESUMO

Tecer um estudo atravessado pela *práxis* psicanalítica, dentro da universidade foi, e continua sendo, motivo de intensas discussões que implicam um duplo “impasse”: do lado da universidade, discute-se a vocação “científica” da psicanálise; e do lado da psicanálise, questiona-se a “universalização” e a “uniformização” do saber psicanalítico. Com o intuito de discorrer sobre tais impasses faremos, neste artigo, um passeio pelos textos técnicos de Freud, e pensaremos as questões trazidas com Lacan sobre a psicanálise em *extensão* e *intensão*.

PALAVRAS CHAVE: pesquisa em psicanálise, universidade, psicanálise em extensão e intensão.

Uma vocação “científica” da psicanálise?

Em seu artigo sobre o ensino da psicanálise nas universidades, Freud (1919 [1918]/1996) analisa os limites que o meio acadêmico impõem ao saber psicanalítico, e em última instância, afirma que a psicanálise é, em si, sustentável fora desse espaço, pela via da “literatura especializada, [...] nos encontros *científicos* das sociedades psicanalíticas, bem como no contato pessoal com membros mais experimentados dessas sociedades.” (p.187, grifo da autora). E ainda, no que tange à experiência prática, esta residiria no âmbito dos atendimentos clínicos sob supervisão e pela análise pessoal. Restaria à universidade a possibilidade limitada da comunicação do saber da psicanálise:

¹ Psicanalista. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).
Endereço: Rua Justiniano de Serpa 463, ap. 302, Benfica. CEP: 60011-110.
Fortaleza – CE Brasil. Fones: (85) 283 5858/ 9992 5242. E-mail: plustosa@yahoo.com

... o estudante de medicina jamais aprenderia a psicanálise propriamente dita. [...] Mas para os objetivos que temos em vista, será suficiente que ele aprenda algo sobre psicanálise e que aprenda algo a partir da psicanálise. (Freud, 1919 [1918]/1996, p. 189)

Finalmente, caso o estudante busque realizar uma pesquisa, o atendimento a pacientes tornar-se-ia ação indispensável.

Logo de início, é mister delimitarmos a especificidade do momento em que Freud se situava, relacionado à dificuldade histórica da inserção da psicanálise no meio científico por excelência: a universidade. Todavia, Freud sempre atendeu os convites para ministrar conferências e participar de congressos nas universidades. Mesmo assim, continuava cético quanto à “transmissão” da psicanálise nesses espaços². E, certamente, esta ainda é uma questão aberta para nós.

As recomendações de Freud

Ultrapassando os muros da academia, Freud proporá “instruções” sobre a técnica da psicanálise³. Não é por acaso que seu primeiro artigo versa sobre *o manejo da interpretação de sonhos* (1911/1996, p. 101-106), já que, como sabemos, o tema é considerado como um marco para o campo psicanalítico. No artigo *A dinâmica da transferência* (1912/1996, p. 111-119), Freud nos apresenta dados de caráter especialmente teórico, como a noção de catexia que irá se direcionar ao médico e os tipos de transferência que podem ser estabelecidos (positiva e negativa), e como a transferência se articula à resistência.

É somente a partir de suas *recomendações...* (1912b/1996, p. 125) que Freud deixará claro que se tratam de instruções diretamente relacionadas à *sua* prática como psicanalista. Se nos voltarmos para a questão da pesquisa em psicanálise, perceberemos que Freud recomenda, durante alguns

² É interessante destacar que o título original do texto está em húngaro e sob a forma de uma interrogação: *Kell-e az Egyetemen a Psychoanalyst tanítani?* (Deve a Psicanálise ser ensinada na universidade?).

³ Não é proposta desse texto fazer uma exegese dos artigos sobre a técnica proposta por Freud (1911 – 1915 [1914]/ 1996). Apenas destacaremos os pontos relativos à questão da pesquisa em psicanálise.

atendimentos, o registro de informações quando do interesse em algum estudo científico do caso. É quando a pesquisa e o tratamento coincidem:

Não é bom trabalhar cientificamente num caso enquanto o tratamento ainda está continuando [...]. Casos que são dedicados, desde o princípio, a propósitos científicos, e assim tratados, sofrem em seu resultado; enquanto os casos mais bem sucedidos são aqueles em que se avança, por assim dizer, sem qualquer intuito em vista [...]. A conduta correta para um analista reside em oscilar, de acordo com a necessidade, de uma atitude mental para outra, em evitar especulação ou meditação sobre os casos, enquanto eles estão em análise, e em somente submeter o material obtido a um processo sintético de pensamento após a análise ter sido concluída. (idem, p. 128)

Podemos refletir, a partir do extrato, que Freud elencava criteriosamente diversos pontos para executar seus propósitos de pesquisa, pois estes poderiam comprometer o trabalho de escuta, que levam em conta, necessariamente, o manejo da transferência (o motor da análise), a técnica da interpretação, as regras de livre associação para o paciente, e de atenção flutuante para o analista, etc. Não obstante, as vertentes amalgamadas da clínica e da pesquisa, são reforçadas por Freud. É importante frisarmos que tais recomendações prescindem do meio acadêmico, já que ancoram-se na formação posterior de médicos que, naquele momento, já atendiam em psicanálise.

Discussões contemporâneas sobre a pesquisa em psicanálise

Muita coisa mudou, desde o contexto no qual se situava Freud, sobre a realidade acadêmica e a transmissão da psicanálise. Intensificou-se a produção “científica” do saber psicanalítico, isto é, realizada no meio acadêmico, especialmente nas pós-graduações. Grande parte dos psicanalistas “reconhecidos” desenvolve rigorosos estudos como professores das universidades, o que inclui o recebimento de financiamentos das instituições de fomento. Não se pode discutir os efeitos de difusão proporcionados pela rede universitária, somada às incursões na mídia. Mas, como tudo isso se relaciona com a *pesquisa em psicanálise*?

Ora, não é somente a forte inclusão da psicanálise na universidade que diferencia a contemporaneidade daquele contexto em que vivia Freud. Temos também um fortalecimento, além de grandes rivalidades, das *escolas e instituições* psicanalíticas. Estas reivindicam para si o campo legítimo do ensino e da transmissão da psicanálise (inclui-se aqui a pesquisa *em* psicanálise). No âmbito da universidade, restaria a possibilidade de um trabalho teórico *sobre* a psicanálise. Esse é o ponto nodal da questão.

Entendo que a pesquisa *sobre* a psicanálise é passível de ser realizada por um pesquisador que não se submeteu, necessariamente, a um percurso pessoal de análise, ou que não atendeu no registro da psicanálise. A pesquisa sobre psicanálise é programada e previsível, pois percorreria os textos, num trabalho que, muitas vezes, aproximar-se-ia a um estudo epistemológico. Por outro lado, a pesquisa *em* psicanálise abrangeria um dado novo: o inusitado que somente a clínica proporciona. Nesse texto, o termo “novo” é tomado na vertente da *práxis* psicanalítica, o que não coincide com o sentido atribuído em outros campos de saber, como o Epistemológico, o Filosófico, o Biológico, etc.

Todavia, a noção de pesquisa *em* psicanálise também não é consenso entre os que pensam a articulação psicanálise-universidade. Jean Laplanche, que sofreu incisivas críticas de Lacan, propôs, na Universidade Paris VII, cursos introdutórios sobre a psicanálise. Segundo Mezan:

... o método de Laplanche consiste numa leitura histórica, problematizante e interpretativa dos textos psicanalíticos. Pretende mostrar assim que é possível ler os escritos analíticos de um modo analítico. [...] O objeto de pesquisa, nota-se bem, é aqui constituído por textos, e não por aquilo que se costuma designar como “material clínico”. (In: Silva [Coord.], 1993, p. 54)

Esse trabalho exige um rigor do pensamento e uma seleção de textos (em geral os que contém conceitos e elaborações sobre os fenômenos da situação analítica). É necessário também atender à premissa de que o texto psicanalítico guarda em si uma “cumulatividade” de seus desenvolvimentos. Aqui, Mezan encontra, no texto de Laplanche as coordenadas que indicam a pesquisa *em* psicanálise. Mas é preciso também destacar o fato de que Laplanche e, provavelmente, o público para quem era destinado tais cursos

não eram indiferentes ao saber psicanalítico, ou seja, havia neles um atravessamento dos efeitos da clínica.

Por isso, ratifica-se a idéia de que não é possível realizar uma pesquisa *em* psicanálise, de forma totalmente “isenta” de sua prática clínica (seja enquanto analista, seja enquanto paciente, ou ambos), por mais rigorosos que sejam os exercícios de raciocínio e da exegese dos *textos*. E ainda que se faça o esquadramento dos textos, algo parece apontar no horizonte uma falta, um furo no saber.

Avançando um pouco mais nessa questão, se vincularmos todas as pesquisas *em* psicanálise a um trabalho a partir do “material clínico”, ou seja, da clínica psicanalítica, não seria considerada, então, pesquisa *em* psicanálise estudos que se constituem na interface com outros saberes, como a semiótica, a literatura, a filosofia, etc.? A resposta é não. Outrossim, de um lado, temos uma investigação filosófica ou epistemológica *sobre* a psicanálise; doutro lado, uma pesquisa *em* psicanálise que, apesar de não situar como foco de seus estudos a clínica, esta atravessa o objeto e o investigador, até mesmo quando a pesquisa se envereda pelas aproximações de textos literários ou filosóficos.

Em outro momento, Mezan (1985) parece não isentar da discussão sobre as incursões da psicanálise na universidade a questão que inclui, além da pesquisa *em* psicanálise, o *ensino* da psicanálise, mas o articula a possibilidade de, concomitantemente, poder estar acontecendo um trabalho de análise do aluno. Mezan apresenta em seu texto uma questão: “como ensinar psicanálise psicanaliticamente?” (idem, p. 176). Ele então direciona seu raciocínio para os campos da *supervisão* e do *estudo teórico*. Sobre o primeiro, a particularidade está em uma interlocução eminentemente *a partir* do diálogo com o supervisor que, ao invés de sugerir “melhores” intervenções ou insistir em suas “interpretações”, fomentará a abertura para outras possibilidades de leituras do fenômeno clínico. Já o estudo teórico permite diversas portas de entrada, onde os textos, como a trama de um hipertexto, vão nos lançar a outros textos. O professor de psicanálise estaria receptivo a iniciar o aluno nessa gama de possibilidades, estando atento para os percalços e as possíveis pontes ao longo desse percurso.

Seja no espaço do estudo dos textos, seja na supervisão (onde deve também circular discussões teóricas), a noção de *retorno* aos textos, como

proposta por Lacan, é lembrada por Garcia-Roza no debate sobre a psicanálise e a universidade em 1991⁴, tendo em vista o caráter de cumulatividade do saber psicanalítico, já explicitado por Mezan. Essa releitura (outro termo que Garcia-Roza utiliza para falar desse retorno) elenca a seara da *pesquisa acadêmica em psicanálise*. O autor faz questão de explicitar cada um desses termos, que interessa apresentarmos aqui. A pesquisa implica um estudo que se volta para os registros anteriores, sem contudo ter como meta a reprodução do que já está cristalizado; é uma pesquisa acadêmica pois seu *locus* é a universidade; por fim, a pesquisa acadêmica em psicanálise traz em seu cerne a possibilidade da emergência do novo (Garcia-Roza, 1994, p. 25).

Psicanálise em extensão e intensão

A discussão travada ao longo dos anos nos seminários de Lacan nos remete à dimensão do problema que refere à legitimação da pesquisa *em psicanálise* no âmbito da academia.

Em vários momentos de seu ensino, o autor falou da impossibilidade da psicanálise ser esquadrinhada como uma ciência, já que esta buscaria nos resultados reproduzíveis e na verificação de hipóteses a consistência de seu campo. E, contrariamente à solicitação da ciência, Lacan reitera aos alunos que a psicanálise não é para ser compreendida.

É preciso alertar que essa não compreensão difere radicalmente de uma negligência ao rigor na leitura dos textos – a empreitada de Lacan no *retorno* a Freud não é por acaso – bem como um descompromisso para com a análise, seja pessoal, seja de outrem, “pois, se pudermos definir ironicamente a psicanálise como o tratamento que se espera de um psicanalista, é justamente a primeira, no entanto, que decide sobre a qualidade do segundo.” (Lacan, 1956/1998, p. 462).

Esse extrato de Lacan situa a questão do tratamento mas, e no que concerne à pesquisa *em psicanálise*? É justamente a partir do texto sobre a *situação da psicanálise em 1956* que o autor vai se apoiar na elaboração de sua *Proposição sobre o psicanalista da Escola* (1957), e onde vai diferenciar a psicanálise em extensão e intensão.

⁴ Publicado em 1994, nas atas do 1º encontro de pesquisa acadêmica em psicanálise, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP.

Então, o princípio de que o psicanalista só se autoriza por si mesmo – daí a importância da forma como foi conduzida sua análise – bascula em função de um outro princípio, que confere à Escola o *locus* de formação desse analista. Como afirma Lacan:

Escola, ela não o é apenas no sentido de distribuir um ensinamento, mas de instaurar entre seus membros uma comunidade de experiência, cujo cerne é dado pela experiência dos praticantes. (Proposição de 9 de outubro de 1967, versão oral)⁵

A aposta na Escola como seara do ensino, mais especificamente, do ensino de Lacan, aparece, contudo, como uma aposta perdida já que “nenhum ensino fala do que é a psicanálise.” (Proposição para o analista da escola)⁶. Esse paradoxo que sidera as referências ao ensino da psicanálise vai convergir na diferença apresentada por Lacan entre a psicanálise em extensão e intensão.

A psicanálise em extensão remete à Escola nas suas incursões no mundo. Seriam todas as presentificações da psicanálise na mídia, nos livros, na universidade, a pesquisa *em* psicanálise, etc. A psicanálise em intensão relaciona-se à preparação de “operadores”, ou seja, o que conota a singularidade da experiência (clínica) psicanalítica.

Em carta a Marcus do Rio Teixeira, Ricardo Goldenberg denomina, curiosamente, a psicanálise em *intenção* (*sic* no texto) como a psicanálise *stricto sensu* (termo apropriado pelo jargão universitário). Sobre a proposição de 1967, escreve:

A Proposition é uma proposta feita a psicanalistas, não a aspirantes e não visa à instalação de uma linha de montagem de analistas em série. Na minha opinião, importa menos saber como se forma um analista que como se evita a degradação da experiência analítica dos que por ela passaram, desfecho mais freqüente do que se imagina. (Teixeira et alli, 1992, p. 12).

Acabamos por cair em ambientes supostamente “incompatíveis”:

⁵ Publicado na Revista da Letra Freudiana do Rio de Janeiro, N° 0', 1983, p. 7.

⁶ Publicado na Revista da Letra Freudiana do Rio de Janeiro, N° 0, 1983b, p. 31.

De um lado, vemos diversos psicanalistas que estão dentro das universidades e defendem com afincos o ensino e a pesquisa em psicanálise numa possibilidade de uma transmissão *apesar*⁷ dela (da universidade).

Por outro lado, há uma certa aversão à universidade por parte de vários psicanalistas que encontram em suas instituições psicanalíticas o lugar legítimo de uma transmissão possível. Assim, o duplo impasse apresentado no início desse texto, por enquanto, continuará em aberto.

Por fim, chamou-me a atenção para as duas traduções que encontrei para a palavra francesa *intension* (originalmente utilizado por Lacan nas versões escrita e oral):

Na carta de Goldenberg, o termo vem grafado como *intenção* (tradução para *intention*), e evoca o sentido de intento. Na revista da Letra Freudiana, que contém as proposições de Lacan (1ª versão oral e versão escrita), o termo vem traduzido por *intensão*⁸, com o sentido denotativo de aumento de tensão, veemência. Todavia, no dicionário enciclopédico Hachette não consta a palavra *intension*, somente o termos, *intense*, *intensif* e *intensité*.

Manter as duas formas no texto, foneticamente iguais, tanto em português como em francês e espanhol, nos remete ao equívoco que traz em si o caráter *extimo* da psicanálise. A psicanálise *stricto sensu* vs a pesquisa acadêmica em psicanálise vão continuar jogando com o equívoco que comporta uma in-tensão própria do saber psicanalítico.

⁷ Ao invés da locução *apesar de*, costumava raciocinar com os termos *também* ou *bem como*. Assim, entendia a transmissão acontecendo conjuntamente nas instituições psicanalítica e universitária. Todavia, em discussão sobre o assunto durante um grupo de estudo coordenado por Francisco J.B. Santos, este optou pelo termo *apesar de*, argumentando que a academia, por sua natureza, é incompatível com a conotação que comporta o termo “transmissão”. Portanto, uma transmissão seria possível, respeitando-se os alicerces da “experiência clínica”.

⁸ Confere também com a tradução de Paulo Siqueira na Revista Opção Lacaniana N° 16, de agosto de 1996.

Referências Bibliográficas

FREUD, S. O manejo da interpretação dos sonhos na psicanálise (1911) In: Artigos sobre técnica (1911-1915 [1914]). *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB), Vol. XII (1911-1913)*. Trad. do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. A dinâmica da transferência (1912) In: Artigos sobre técnica (1911-1915 [1914]). *ESB, Vol. XII (1911-1913)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912b) In: Artigos sobre técnica (1911-1915 [1914]). *ESB, Vol. XII (1911-1913)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades (1919 [1918]). *ESB, Vol. XVII (1917-1919)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, L. A. Pesquisa de tipo teórico In: *Atas do 1º Encontro de pesquisa acadêmica em psicanálise*. Programa de estudos pós-graduados em Psicologia Clínica/ PUC-SP. N° 1, fev, 1994.

GOLDENBERG, R. Carta In: TEIXEIRA, M. do R. (Org). *Lacan e a formação do analista no Brasil*. Salvador: Ágalma, 1992 (Coleção Discurso Psicanalítico 2).

HACHETTE. *Intense; Intensif; Intensité; Intention. Dictionnaire Encyclopédique*. Paris: Hachette Livre, 1993.

HOLANDA FERREIRA, A. B. de. Intenção e Intensão. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 956.

LACAN, J. Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956 In: *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. Proposição sobre o analista da escola (1967) In: Documentos para uma escola - publicação interna. *Revista da Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão*. Ano 0, N° 0, 1983.

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967 – 1ª versão In: Documentos para uma escola II – Lacan e o passe. *Revista da Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão* Ano 0, N° 0', 1983b.

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967 – 1ª versão (1967). Trad. Paulo Siqueira. In: *Opção Lacaniana*. Revista brasileira internacional de psicanálise N°16, agosto 1996.

MEZAN, R. *A vingança da esfinge: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. O que significa “pesquisa” em psicanálise? In: SILVA, M. E. L. da. (Coord.). *Investigação e Psicanálise*. Campinas-SP: Papyrus, 1993.